

## resenha bibliográfica/book review

**Tatiana Pedro Colla Belanga**

Doutoranda em História Econômica – UNICAMP

FALEIROS, R. N. *Homens do café: Franca, 1880-1920*. Ribeirão Preto-SP: Holos Editora, 2008, 161 p.

*Homens do Café: Franca, 1880-1920* é resultado da pesquisa realizada por Rogério Naques Faleiros, em forma de Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp, defendida em novembro de 2002. A obra se destaca por seu caráter regional, por sua compilação e análise de dados e pela documentação específica, revelando um esforço de pesquisa e originalidade no que concerne ao tratamento de fontes cartoriais, escassamente exploradas pela historiografia do complexo cafeeiro.

Ao valer-se dessas fontes, o autor lidou com escrituras de contratos de formação e trato de cafeeiros, lavradas no município de Franca, que emergia como centro produtor de café no contexto do alargamento da fronteira do seu cultivo.

O estudo discute quais foram as relações de trabalho estabelecidas e as possibilidades de ascensão social dos trabalhadores rurais no contexto da formação e do desenvolvimento da cafeeicultura em Franca, tendo como marco inicial a década de 1880, ainda sob a forma de trabalho escravo, até 1920, com o término do fluxo migratório de maior volume para o município. O livro é dividido em três partes, mostrando, de forma objetiva, a evolução das relações de trabalho.

Na primeira parte, a discussão centra-se nas preocupações com a articulação estabelecida entre grandes proprietários e pequenos sitiantes, assim como na questão do trabalho escravo e sua desagregação. A existência do café no município já datava de período pré-1890, porém é nesse ano que a cafeicultura passa a orientar toda a vida dos homens de Franca, subjugando as demais atividades econômicas da região. O primeiro capítulo, “A década de 1880: café, escravidão e ferrovia”, destaca a característica da região de Franca com relação à sua inserção no plantio de café. A predominância da pequena e da média propriedade, a não existência da terra roxa e todo um conjunto populacional voltado para outras atividades de certa forma apresentariam resistências à implantação do café nos moldes até então aplicados, gerando repercussões quando da implantação de uma estação da estrada de ferro Mogiana em Franca, inaugurada em 1887.

O trabalho cobre um período em que a cafeicultura descreveu trajetórias de expansão, de crise e de retomada, e, nesse período, ocorreu a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. A década de 1880 foi um período de desenvolvimento da cafeicultura na região e das políticas imigratórias, direcionadas às principais regiões produtoras do Estado. Na década de 1890, ocorreram a explosão e a consolidação do café como principal atividade econômica do município: a presença do imigrante foi cada vez mais constante.

A segunda parte do estudo, tendo como título “A imigração e os domínios da produção: homens, trabalho e cafeicultura”, trata das relações de trabalho estabelecidas entre fazendeiros e imigrantes das lavouras francanas, assim como traça um paralelo da relação entre o desenvolvimento da cafeicultura e o crescimento da população imigrante no município.

Na medida em que o trabalho permite ao leitor um aprofundamento no entendimento dos condicionantes obtidos pelo estudo da cafeicultura em Franca, revela situações que atuaram como reforço e como variações no âmbito das relações estabelecidas entre fazendeiros e trabalhadores rurais, na produção e na distribuição da renda gerada, evidenciando os mecanismos de extração do excedente, que permitiam a continuidade da atividade em momentos distintos. A sobrevivência da cafeicultura esteve diretamente ligada às relações de trabalho analisadas no livro por meio da investigação e do estudo dos registros cartoriais.

Na terceira e última parte, “Homens em movimento: mobilidade social, pequenas propriedades e a dinâmica do crédito”, são considerados os impactos da crise de 1898-1906 nas relações de trabalho e a consequente transformação da estrutura fundiária, que impôs o trabalho familiar e a parceria como formas dominantes, ou seja, a emergência da pequena propriedade em Franca ligou-se mais diretamente às mudanças causadas pela crise e às estratégias colocadas em prática do que às possibilidades de acumulação de riqueza, trabalhando-se como colono.

Com a crise do final do século XIX, os antigos colonos adquiriram pequenas porções de terras, em concordância com o perfil fundiário regional, marcado pela predominância de pequenas propriedades, perfil de propriedade que se manteve predominante na região até 1920. Basicamente, essas unidades produtoras foram operadas pelo trabalho familiar, dispensando-se a contratação de trabalhadores adicionais.

Obra que abarca um caráter regional, significativo em sua originalidade do trato das fontes, assim como da incumbência de cobrir uma lacuna: a não existência de um trabalho sobre Franca, tendo a cafeicultura como foco.

Assim, o trabalho ilumina o conjunto da atividade cafeeira numa abordagem localizada, no entanto, os nexos casuais permitem assumir uma perspectiva muito mais ampla, a de um capitalismo específico que moldou e estabeleceu limites ao desenvolvimento e à diversificação da economia.

Importa, portanto, aos que buscam um trabalho específico, como a todos os interessados nas novas possibilidades de agregar à pesquisa de história econômica dados e interpretações que corroboram o engrandecimento do tema que, sempre, com maior ou menor intensidade, foi de utilidade para muitos dos pesquisadores em história: a questão do café no Brasil e suas variantes.